

*No entanto, devemos considerar que com a gravidez passaram a ficar mais mobilizados com o nascimento do bebê. O filho estava bem, a sua fala havia se normalizado, embora os pais tenham voltado a dizer que ele estava trazendo problemas por conta do cômico com o bebê que estava por vir. Conversamos que isso era esperado e o casal parecia estar lidando bem com esta situação nova. Uma conquista muito importante, já percebida bem antes do final da terapia, foi eles terem constatado que os sintomas da criança estavam relacionados ao comportamento deles enquanto pais. Na última sessão, uma das falas da mãe foi que se sentia muito grata por todo o processo, que tinha sido muito importante na vida deles e que uma das coisas que mais a ajudou foi perceber que trazer o filho como um problema foi apenas a porta de entrada.*

Nosso enfoque clínico com os casais, como demonstrado até aqui, tem como eixo central o entendimento e transformação da real demanda por atendimento da criança para os pais. Disto decorre um novo olhar e foco de análise do terapeuta sobre a constituição e manutenção da conjugalidade, os lugares ocupados na família, a patologia da relação conjugal, os papéis sociais de homem e mulher na sociedade contemporânea e a transmissão psíquica transgeracional como importante material a ser discutido no espaço terapêutico com o casal, tendo como objetivo a melhora e/ou a transformação da relação entre os cônjuges.

### *Dinâmica das relações conjugais*

Desde Freud, com as séries complementares, temos o prenúncio do estudo dos pares complementares e das escolhas inconscientes na constituição dos casais, que mais tarde se desenvolve com o corpo teórico e clínico da psicanálise de casais e com a ênfase no entendimento do tipo de relação ou vínculo inconsciente que permeia a escolha do par.

Entretanto, é especificamente com os trabalhos de 1910, reunidos em "Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens", que Freud delineia aquilo a que hoje a psicanálise de família vem se dedicando intensamente, ou seja, a influência dos modelos parentais (família nuclear) na escolha e estabelecimento dos vínculos conjugais e familiares, sendo transmitidos de uma geração a outra. É também nesse momento que o autor traça as bases das escolhas amorosas feitas por homens e mulheres, no contexto do amor normal, tendo como referência teórica fundamental a descoberta do complexo de Édipo, que surge publicado, pela primeira vez, numa nota de rodapé desse trabalho.<sup>1</sup>

Dentro do que Freud define como amor normal, encontramos determinadas características

1. Embora o autor já tivesse feito referências anteriores ao termo, em *A interpretação dos sonhos* (1900) e sobre os "Chistes" (1905).

retém, aquilo de que não se lembra, como a vergonha, a falta, a doença, o recalçamento os objetos perdidos e ainda enlutados” (p. 9). Entretanto, não se transmite apenas o negativo, transmite-se também “aquilo que ampara e assegura as continuidades narcísicas, a manutenção dos vínculos intersubjetivos, a conservação e complexidade das formas e da vida: ideais, mecanismos de defesa, identificações, certezas, dúvidas” (p. 9).

Correa (2000) faz uma distinção entre dois tipos de transmissão psíquica geracional, que estariam interligados: a transmissão psíquica intergeracional seria aquela que “inclui um espaço de metabolização do material psíquico transmitido pela geração mais próxima e que, transformado, passará à seguinte” (p. 65). Já a transmissão psíquica transgeracional se refere a um material psíquico da herança genealógica não transformada e não simbolizada, apresentando assim vazios e lacunas na transmissão, de modo que “o significado aponta para o fato psíquico inconsciente que atravessa diversas gerações” (p. 65).

Resumindo, a história familiar herdada das gerações anteriores faz-se presente na formação do psiquismo do indivíduo. Dependendo do modo como ele a recebe, pode-se tornar um prisioneiro dessa herança ou pode-se tornar um herdeiro dela. Tudo dependerá da possibilidade que o psiquismo desse indivíduo tem de elaborar as heranças psíquicas recebidas. É assim que também ocorre na formação psíquica do casal, que tem, em sua origem ou constituição, todos esses movimentos desencadeadores e determinantes das escolhas e manutenção dos pares conjugais.

Fisher (1994), em seu artigo “The impenetrable other: ambivalence and the Oedipal conflict in work with couples”, faz uma cronologia atualizada do conflito edípico, como formulação básica na configuração e dinâmica dos casais, de Freud a Klein e Bion, com as contribuições de Britton (1989), numa tentativa de demonstrar que a forma de se relacionar no triângulo

... que revelam, de maneira inconfundível, o protótipo materno da escolha de objeto, como, por exemplo, a preferência demonstrada pelos homens jovens por mulheres mais maduras. As características maternas permanecem impressas nos objetos amorosos que são escolhidos mais tarde, e todas elas se transformam em substitutos facilmente reconhecíveis da mãe. (Freud, 1910, p. 152)

Poderíamos completar essa citação, apontando que esse mecanismo também é responsável por algumas escolhas femininas de parceiros semelhantes ao próprio pai.

No geral, esses fatores são inconscientes e podem determinar a escolha entre os cônjuges, de sorte que a formação do par conjugal terá como base as configurações edípicas, e a nova família assim constituída estará fortemente presa ao modelo das famílias nucleares (ou de origem).

Temos aqui, então, um tema que se atualizou, na psicanálise de família e casal, principalmente a de origem francesa, com Kaës (2001) e Eguer (1998), sobre o estudo acerca da transmissão psíquica transgeracional.

Esses estudos a respeito da transmissão psíquica entre gerações vêm demonstrando que a questão do sujeito se define cada vez mais necessariamente no espaço intersubjetivo, “... e mais precisamente, no espaço e no tempo da geração, do familiar e do grupal, ali onde, exatamente – segundo a formulação de Piera Aulagnier – ‘o Eu pode vir a ser’ ou, tem dificuldade de constituir-se”, conforme nos diz Kaës (2001, p. 5-6).

Para esse autor, o que se transfere e se transmite de um espaço psíquico a outro são essencialmente “as configurações de objetos psíquicos (afetos, representações, fantasias), isto é, objetos munidos de seus vínculos, incluindo sistemas de relação de objeto” (p. 9). Kaës considera a identificação o maior processo da transmissão psíquica entre gerações. E indica ainda que, na transmissão psíquica entre gerações, o que se transmite é “preferencialmente o que não contém, aquilo que não se

edípico promove as bases para o estabelecimento do relacionamento conjugal, apresentando três teses centrais:

1. The capacity to be an individual, to be separate and hence capable of a relationship with another, rests on mastering the anxieties of the triangle. In brief, these are the anxieties, on the one hand, of being excluded from a couple, and, on the other, those of being part of a couple that excludes the third. The mastering of these anxieties results in a sense of psychological space. Conversely, the failure to master these anxieties is experienced as a desperate lack of a sense of psychological or emotional space – space to think, to be different and separate, space in which to enter or leave a relationship.
2. These anxieties and their resolution are intimately linked to those associated with the experience of ambivalence, the feelings of love and hate directed towards the same person.
3. These anxieties are only ever resolved provisionally, never finally, and they are commonly, and sometimes even dramatically, revived in the intimacy of a couple relationship. For this reason they are characteristic of many presentations for help by couples having difficulties with their relationship. (p. 145)<sup>2</sup>

O autor, tomando como base o pensamento ampliado de Britton (1989) acerca do complexo de Édipo, enfatiza a centralidade da relação parental, o conhecimento e as fantasias sobre o casal parental, por parte da criança. Ressalta, ainda,

2. 1. A capacidade de ser um indivíduo, de ser separado e, portanto, capaz de um relacionamento com o outro, reside no domínio das ansiedades do triângulo. Resumidamente, estas ansiedades são, de um lado, as de ser excluído por um casal e, de outro, aquelas de ser parte de um casal que exclui o terceiro. O domínio destas ansiedades resulta em um senso de espaço psicológico. Inversamente, a falha em dominar essas ansiedades é experimentada como uma falta desesperada da noção de espaço psicológico ou emocional – espaço para pensar, para ser diferente e separado, espaço para ingressar em um relacionamento ou deixá-lo.
2. Estas ansiedades e suas resoluções são intimamente ligadas àquelas associadas à experiência de ambivalência, os sentimentos de amor e ódio dirigidos para a mesma pessoa.

o reconhecimento de que o relacionamento dos pais é genital e visa à procriação, diferentemente do relacionamento entre os pais e a criança. O reconhecimento do relacionamento parental como entidade separada da criança propicia a ela a criação de uma fronteira para o mundo interno, tornando possível o surgimento do “espaço triangular”, denominação de Britton, promovendo o alicerce para o processo de “separação/individualização” no relacionamento edípico, que servirá de base para esse mesmo processo quando do estabelecimento de uma relação conjugal dita “normal”.

Em nossa casuística, várias dinâmicas conjugais e familiares estavam definidas de acordo com configurações edípicas de difícil elaboração, o que gerava não só o sintoma da criança como outros lugares ocupados na família, ou seja, não havia um espaço diferenciado para o casal e/ou estabeleciam-se outros pares formados entre pai e filha ou mãe e filho. Nesses casos, é comum a comparação entre o par conjugal da atualidade e o par parental das famílias de origem, sendo que há sempre uma desvalorização do parceiro conjugal quando comparado com o da parentalidade.

Esses sentimentos são, geralmente, revelados nos momentos de crise entre o casal, quando é intenso o sentimento de frustração que um nutre pelo outro por não preencher o modelo advindo desse tipo de escolha inconsciente. Ou quando a conjugalidade é “perdida” na instituição dos papéis parentais, ou seja, o desinteresse sexual do marido pela esposa quando ela se torna mãe, como uma inibição ou repressão advinda do tabu do incesto (Freud, 1913). Na esposa, isso toma a forma de uma substituição erotizada e às vezes

3. Estas ansiedades são somente resolvidas de maneira provisória, nunca definitiva, e são revividas de forma comum, algumas vezes até dramaticamente, na intimidade da relação conjugal. Por esta razão, são características de muitos pedidos de ajuda por casais que enfrentam dificuldades em seus relacionamentos. (Tradução de minha autoria).

simbiótica na relação com o filho, em que o marido perde espaço e carga afetiva, confirmando a determinação fantasiosa de ela ter um filho com seu próprio pai. Os recortes clínicos, a seguir, ilustram essas questões.

*O casal C. vem para avaliação do filho mais velho, de dez anos, dada sua agressividade na escola. Tem um irmão caçula de seis anos. Tanto o marido quanto a esposa vêm de famílias muito pobres, onde havia violência na forma do pai de ambos em cuidar da mãe e filhos. A esposa relata episódios presenciados do pai agredindo muito sua própria mãe; quando ele abandona a família, todos têm um alívio. Sua mãe morre quando seu filho mais velho nasce. Na história familiar do marido, seu pai abandona sua mãe e os irmãos, sendo ele o mais velho; viveram fortes privações e ele sempre se sentiu discriminado na escola porque onde morava, um barraco, não tinha como tomar banho. Ele logo passa a ajudar a mãe, entra para a polícia e consegue dar uma condição melhor a ela. O casal se conhece rapidamente e a esposa fica com uma sensação de que ele tem mais posses que ela, que morava no interior com umas irmãs. Ela resolve viver em São Paulo e ele, por pena, convide-a para ficar na casa em que ele vivia com a mãe e a irmã. Logo ela engravida e acabam convivendo juntos. Relatam, nesse período de vida do casal, muitas brigas dela com a sogra, ela era muito briguenta e reivindicadora, sem ter nenhuma gratidão pela ajuda que obtinha no cuidado do filho, até irem morar sozinhos. Separaram-se quando o menino é pequeno e ela volta para o interior. Ele vai buscá-la porque não quer que o filho passe o que ele passou! Entretanto, deixa claro que não tem ligação afetiva nenhuma com ela. Vivem de aparências, tentando uma ascendência social, porém ela se sente enganada por ele, já que esperava isso do casamento. Não trabalha, só cuida da casa.*

Ao longo das entrevistas iniciais com esse casal, fica clara a relação de hostilidade que existe entre eles. Em todas essas sessões, quando recupera sua história passada, o marido enaltece muito o caráter lutador da mãe, colocando, comparativamente, a esposa num lugar de menos valia e pejorativo, referindo-se a ela como uma "pessoa folgada", que não quer saber de fazer nada, só andar de carro o dia todo, enquanto sua mãe era uma mulher que, até hoje, trabalha sem

parar. Também menciona que só ficou com a esposa pelos filhos, pois não queria que eles sofressem as privações pela ausência de um pai, como ele sofreu. Diz não ter nenhum sentimento por ela!

A esposa por sua vez, assume nos relatos uma postura de defesa, mas colocando-se em disputa com a sogra, de forma semelhante a quando moravam em conjunto. Não consegue demonstrar nenhum sentimento de gratidão pelo marido e muito menos pela mãe dele, que parecia ser quem cuidava do bebê quando moravam todos juntos, sentindo-se profundamente decepcionada com o casamento, principalmente em termos afetivos e econômicos. O casal não estruturou uma conjugalidade, as expectativas a serem atingidas estavam presas ao passado de ambos, que tentavam num processo de repetição, apegados aos modelos das famílias de origem, modular para a família que constituíram.

*O casal D. vem com um pedido de avaliação para o filho caçula de oito anos, cuja queixa referia-se a comportamentos de agressividade com os pais, não sendo obediente, recusando-se a fazer a lição de casa, sendo genioso, segundo relato da mãe. A família era composta por mais uma filha de 18 anos. Na segunda entrevista vem à tona a verdadeira demanda: o casal quer saber se as brigas entre eles estariam afetando o filho.*

História do casal: *Conhecem-se no trabalho. A esposa vem de uma família de "intelectuais", única filha. A família do marido é do interior, muitos irmãos, que se encontram raramente. A esposa é muito presa à sua família de origem, principalmente na relação com o pai; diz que ele é uma pessoa muito carinhosa com ela e os netos, relata que quando o visita ainda se senta no colo do pai para conversar e ser acariciada. O esposo não se sente bem aceito nesse grupo. O casal vive uma relação muito conturbada. Não há comunicação entre eles, apenas brigas. O marido trabalha à noite, diz se adaptar melhor no emprego nesse horário. O casal pouco se encontra, já que a esposa trabalha durante o dia, quando então o marido fica em casa dormindo e cuidando do menino até ele ir para a escola. A mãe estrutura uma relação edípica e até erotizada com o filho. Diz que quando chega do trabalho adora ficar acariciando o menino;*

dos grupos, especificamente família e casal, configurando um corpo teórico mais recente (Moguillansky, 1999).

A psicanálise individual sempre se pautou mais pelo entendimento dos fenômenos intrapsíquicos, embora Freud nunca tenha negado um caráter mais amplo para a compreensão desses fenômenos, incluindo o homem na cultura e na sociedade. No entanto, é com Klein que temos o uso do termo *relação objetal* associado aos mecanismos intrapsíquicos, e fundamentalmente ao conceito de “fantasia inconsciente” e “posição”. E, finalmente, é com Winnicott que encontramos um ponto intermediário entre a psicanálise individual e a vincular, pois ele prenuncia a introdução do campo intersubjetivo.

Até a década de 1950, embora a literatura psicanalítica fizesse referências ao papel da mãe em relação ao bebê, a ênfase era muito maior sobre o indivíduo e seu mundo interior. A contribuição de Winnicott é fundamental, pois é ele quem pontua o impacto do ambiente sobre o desenvolvimento humano, a partir da constatação de que o “bebê não existe sozinho”, isto é, para ele o indivíduo não poderia mais ser considerado uma unidade, mas uma estrutura ambiente-indivíduo – o *par* que provê cuidados. “O indivíduo não existe – o que existe é o indivíduo em relação ao mundo externo. Winnicott esforça-se, assim, em demonstrar que a relação de uma unidade corporal não *precede* a relação de um par corporal, mas, sim, a *sucede* (Abram, 2000, p. 26; grifos meus).

O conceito de ambiente é extensamente abordado, ao longo de sua teoria, principalmente no que diz respeito ao papel da mãe como promotora de um ambiente suficientemente bom para a instauração de um desenvolvimento saudável do indivíduo, e que se amplia para a inclusão da família como detentora dessa função: “... não seria possível ao indivíduo atingir a maturidade emocional fora do contexto familiar...” (Winnicott, 1997, p. 129). Ainda que o autor, em sua obra, não tenha apontado o papel do pai de uma forma específica, em termos de ambiente, ele ocupa uma posição importante no

*refere-se a ele com denominações que o enaltecem (meu doce, meu amor, ele é tudo pra mim...), sem colocar o menor limite, pois não agüenta desagradar o filho! O pai busca um par com a filha. Relata que ela é sua confidente e que conversa com ela sobre todos os assuntos que o preocupam e as desavenças com a esposa. Só consegue ter um relacionamento bom com o menino quando estão sem a mãe, pois do contrário o menino fica provocando o pai, e quando este último fica bravo a esposa o descarregava na frente da criança, o que deixa o marido muito nervoso, descarregando no filho. O menino, muitas vezes, dorme na cama do casal com a mãe, por insistência desta última, que diz detestar dormir sozinha. O marido parece mais consciente da relação desgastante do casal e quer uma ajuda específica para “resolver o problema conjugal”, segundo ele. Chega a verbalizar que a mulher só se interessa pelos filhos e a família dela (de origem) e que ele e um “vaso” da casa têm o mesmo significado afetivo para ela. A esposa sente-se não atendida pelo marido, coloca como tudo sendo culpa dele, que ela nunca mereceu ser tratada da forma ríspida como ele a trata. Porém, nenhum deles percebe o deslocamento e consequente ruptura nos laços familiares, ele estabelecendo um novo par com a filha e a esposa com o filho. Novamente, é o menino que vem denunciar toda a desestruturação familiar.*

As escolhas de pares que têm como base uma dificuldade na elaboração do complexo edípico não promovem o estabelecimento de uma conjugalidade plena, e a família assim constituída fica sob forte influência da transmissão psíquica transgeracional.

Tomando-se como ponto de partida a psicanálise freudiana, que nos fornece um primeiro modelo acerca das escolhas conjugais ditas normais ou neuróticas, encontramos em autores contemporâneos, pertencentes à psicanálise vincular, um campo teórico mais sistematizado abordando desde a noção de vínculo até a questão das escolhas conjugais sob o vértice da psicopatologia, numa tentativa de elucidar a formação desses vínculos inconscientes.

A própria noção de vínculo diferenciada da noção de relação objetal representa um avanço da psicanálise individual para outros campos do saber psicanalítico, englobando o estudo

sentido de dar sustentação à mãe para a promoção do estágio de preocupação materna primária.<sup>3</sup>

Poderíamos, então, dizer que a construção teórica dessa estrutura pareada ambiente-indivíduo, criada por Winnicott, é a precursora da noção de vínculo proposta pela psicanálise vincular. Desse modo, faz-se necessário apresentarmos o uso e a definição do referido termo, de acordo com dois grandes teóricos dessa corrente de pensamento mais nova, que têm uma extensa obra em psicanálise de família e casal:

O termo vínculo é utilizado, na literatura psicanalítica, de maneiras muito diversas e com diferentes significados. Vínculo também é utilizado na clínica, tanto para descrever a relação com o analista, como para as relações com os objetos internos. Ambos os conceitos, vínculo e relação, recobrem uma área de problemas da teoria, que abrangem tanto a noção de ego e de objeto, como a difícil conceitualização dos limites entre o mundo interno e o externo, ou, em outra versão, entre o intrasubjetivo e o intersubjetivo. Um nível maior de complexidade se acrescentará se incluímos o nível do transubjetivo, mediante a inscrição inconsciente dos modelos socioculturais. (Berenstein e Puget, 1993, p. 17)

Vínculo significa união ou atadura de uma pessoa ou coisa com outra. A definição sugere a idéia de uma relação estável. O mesmo ocorre, em geral, com o uso desse conceito aplicado aos casais. Toda relação matrimonial parece estar associada à fantasia de ser estável no tempo e no espaço. Chamaremos de vínculo uma estrutura de três termos, constituída por dois pólos, os dois egos (descrito a partir de um observador virtual), ou um ego e outro (visto a partir de si mesmo), e um conector (ou intermediário), que dará conta da maneira particular de ligar ambos. (p. 18)

3. Em "Preocupação materna primária", Winnicott (1956) define um estado muito especial da mãe, devotada frente às necessidades do bebê, que estabelece as bases de um ambiente externo, suficientemente acolhedor, para o mesmo se desenvolver.

Recentemente, em 2004, tivemos a chance de partilhar, com Berenstein, de suas últimas reformulações acerca dessa noção:

El vínculo es lo inconsciente en su mayor densidad: es lo que da pertenencia y establece una discontinuidad y una continuidad entre los yoes. Esta última se construye en la fantasia como defensa ante la percepción de discontinuo. (p. 5)<sup>4</sup>

Estar unido y estar vinculado son dos estados diferentes que frecuentemente se superponem aunque los sufrimientos por esta confusión sean muchos, como se evidencia en el análisis vincular. (p. 7)<sup>5</sup>

Entretanto, é da década passada uma importante contribuição dessa dupla de autores com respeito ao entendimento dos vínculos conjugais. Berenstein e Puget (1993) elaboraram uma tipologia bastante esclarecedora e didática que nos permitiu a apreensão e a criação de uma idéia "desenvolvimentista" dos vínculos estabelecidos entre os casais.

De acordo com esses autores, os vínculos conjugais mais primitivos, ou mais patológicos, envolvem a noção de fusão, idealização, com recusa das individualidades e o desejo de um ser a imagem especular do outro, estabelecendo-se, assim, um tipo de dependência adesiva em que a autonomia é inconcebível. A complementaridade entre os pares se coloca nessa etapa vincular, destacando-se o par amparador-desamparado no qual os membros do casal se mantêm fundidos, e os afetos são da ordem da violência, irritação e hostilidade. O projeto vital está

4. O vínculo é o inconsciente em sua maior densidade: é o que dá pertencimento e estabelece uma discontinuidade e uma continuidade entre os eus. Esta última se constrói na fantasia como defesa ante a percepção de discontinuo. (Tradução de minha autoria).

5. Estar unido e estar vinculado são dois estados diferentes que frequentemente se superpõem, ainda que os sofrimentos por esta confusão sejam muitos, como se evidencia na análise vincular. (Tradução de minha autoria).

sujeito a desacordos ou, ao contrário, a uma submissão total, com redução do projeto de dois ao de um só. Não existirá conflito quando a meta de um ego for a de transformar o outro em um complemento, anulando sua capacidade de pensar e sua autonomia, com o outro ego curvando-se. As mensagens costumam ser contraditórias, produzindo uma relação baseada no enlameamento e na confusão.

Segundo essa linha desenvolvimentista sugerida pelos autores mencionados, os tipos de vínculos duais e fusionais vão evoluindo para a necessidade da entrada de um terceiro, que ocupará o lugar de excluído, mas permitindo que o par não sucumba à indistinção anterior, sendo muito semelhante às idéias de Fisher (1994) citadas anteriormente. Até se chegar à etapa do estabelecimento de vínculos mais maduros, com a existência de duas mentes discriminadas no casal, cujo projeto vital compartilhado vai incluir o aparecimento de um terceiro, sem a ênfase na exclusão anterior, e em que a fusão não é mais necessária ou imprescindível para a manutenção do par.

*O casal E. vem com um pedido explícito de orientação ao filho. O menino é filho único, de pais que se casaram na maturidade. Ambos são profissionais, valorizam muito o relacionamento conjugal e o filho às vezes fica à parte e se sente como um entrave na relação do casal. A sua forma de lidar com a situação é tentando, ao máximo, chamar a atenção dos pais sobre si, muitas vezes de forma inadequada, pela teimosia, desobediência, agressividade. Porém, esses comportamentos são restritos ao convívio do lar, pois na escola se relaciona bem. Vivem um casamento pós-moderno, onde ambos trabalham e dividem as tarefas domésticas, inclusive cuidar do filho. O casal possui uma grande dificuldade de entender o universo infantil, têm expectativas em relação ao menino como se ele já fosse um adulto. A mãe perdeu a própria mãe no período de pós-parto, sentindo-se muito deprimida e relata que se voltava mais para sua dor do que em cuidar do bebê, querendo que ele crescesse logo. O pai participava do cuidado do filho, embora estivesse trabalhando e com muita dificuldade porque relata que nunca antes havia convivido com uma criança, ainda mais um bebê. Portanto, ficou muito marcado para o casal a tarefa de se dedicar ao cuidado do filho e até hoje eles enxergam dessa*

*forma e colocam problemas no menino, em situações que podem ser consideradas normais no trato com crianças.*

Da psicoterapia com o casal: *Eles aceitaram bem o fato de os atendimentos serem realizados com eles e não com o filho. Ambos apresentaram disponibilidade para o trabalho terapêutico, que teve a duração de um ano, além de recursos internos para sua realização. Entre os assuntos discutidos ao longo do processo, destaca-se o excesso de rigidez na educação do filho. Puderam, ao longo dos atendimentos, associar este excesso de rigidez à história de vida de cada um. A excessiva cobrança dizia respeito também a eles, sendo que o surgimento de dificuldades na criação do filho era causador de grande angústia. O atendimento a este casal teve, em diversos momentos, claro caráter de orientação. Discutiu-se muito, por exemplo, o modo de imposição de limites. Eles colocavam para o filho muitos limites que eles acabavam não cumprindo, o que diminuía o respeito do menino a eles. Passaram, no decorrer do processo terapêutico, a estabelecer um número menor de restrições, mas mantendo-as. Ao chegarem à terapia, viam o filho de nove anos como um homem, uma pessoa que deveria ter muitas responsabilidades. Puderam entrar em contato com a falta de disponibilidade que apresentavam muitas vezes em relação ao universo infantil, passando a respeitar mais os ritmos do filho, vendo-o como uma pessoa com características próprias, muitas vezes diferente das idealizadas por eles. Eles reclamavam que a criança era muito autoconstruída, e puderam perceber que eles também agiam muitas vezes de maneira egocêntrica, mostrando-se disponíveis para estar com o filho apenas quando eles queriam. Fizeram um movimento, enfim, de aceitação das dificuldades, em detrimento de uma forte cobrança em acabar com elas. Uma das hipóteses de trabalho com o casal dizia respeito ao fato de os dois terem uma conjugalidade tão bem estruturada, uma proximidade tão grande, que o filho estaria reclamando por espaço nessa relação. Se por um lado a conjugalidade estava bem definida, por outro o filho era sentido como um intruso. Aos poucos, durante a psicoterapia, foram promovendo uma abertura cada vez maior de espaço para o menino, sem perda da intimidade do casal.*

A evolução do processo psicoterápico deveu-se a recursos que o casal apresentou, mostrando-se sempre aberto à reflexão e disponível, aceitando a proposta interventiva voltada para eles e não para o filho, a demanda inicial. Verificou-se a presença de forte conjugalidade e adequada estrutura psíquica dos dois

*problemas da esposa. Para ele, todas as dificuldades do relacionamento conjugal seriam resolvidas caso a esposa se tornasse, em suas próprias palavras, "uma pessoa mais equilibrada". Nessa medida, ele se colocava no lugar do adequado, daquele que tem todo o controle sobre a situação relacional e de alguém que se esforça para buscar e atingir um bom clima conjugal. Ao longo do atendimento, se por um lado o esposo enfatizava fortemente todas as suas atitudes nesse sentido e, contrariamente, como a esposa não se mostrava receptiva e cooperadora para aquilo que ele considerava um bom relacionamento a dois; ela demonstrava passividade ou aceitação frente às colocações dele. Foi se constatando que o casal apresentava um vínculo bastante primitivo de tipo sadomasoquista, com o marido mais agressivo e a esposa buscando nele a agressão, parecendo que as atitudes depreciativas dele para com ela confirmavam suas fantasias inconscientes de ser merecedora apenas desse tipo de sentimento, já que este foi o modelo estabelecido na família de origem, com o seu pai agredindo-a e à mãe e abandonando-as quando ela ainda era criança. Essa mulher já havia sido casada com um homem também agressivo, usuário de drogas e que roubava para manter o vício. Tiveram uma filha que estava sendo criada pela avó materna, desde que ele abandonou a família.*

*No setting analítico, o marido muitas vezes mostrava-se agressivo em relação à esposa e também com a terapeuta, principalmente quando esta lhe colocava limites. Esses momentos de não-submissão da terapeuta parecem ter contribuído para que a esposa percebesse novos modelos de relacionamento, notando o quanto ela era responsável no deixar-se ser agredida. Ela, então, teve momentos de recusa a essa agressão, o que desestabilizou bastante o vínculo sadomasoquista do casal, infelizmente culminando em um episódio grave de violência doméstica. Após uma briga na qual a esposa reagiu em alguma proporção, o marido a espancou por uma noite inteira, terminando os dois muito feridos, ela por ter sido espancada e ele com a mão muito machucada de tanto bater. Embora outras formas de violência, principalmente as de ordem psicológica, fizessem parte do vínculo conjugal e até o sustentassem, estavam a serviço de manter um certo equilíbrio dos pares tanto na esfera inter-relacional quanto na intrapsíquica. O episódio grave de violência física sinaliza um desequilíbrio na forma de se vincular, em função da esposa experimentar um novo lugar nessa relação, daquela que pode vir a ser ou ter uma nova subjetividade, livre das interferências do passado (inclusive transgeracionais).*

cônjuges. O êxito deveu-se, principalmente, ao tipo de vínculo estabelecido pelo casal, de terceira idade ampla, apresentando mutualidade e conjugalidade, não abalada com o nascimento do filho, de acordo com Berenstein e Puget (1993), mas necessitando promover a integração desse terceiro elemento na nova estrutura familiar montada.

Kernberg (1995), um profundo estudioso das relações amorosas, também discorre sobre o tema do amor conjugal sob a ótica do desenvolvimento, enfatizando as características do amor sexual maduro, o tornar-se um casal a partir das experiências edípicas comparando com a psicopatologia dessas relações, especialmente as relacionadas com a agressão e com os pares sadomasoquistas, embasando-se, muitas vezes, no referencial freudiano.

Esse autor vai exemplificar a perversidade nas relações amorosas por meio de padrões sadomasoquistas que dominam e controlam o relacionamento emocional, em virtude da dominância e controle por aspectos persecutórios e sádicos de funções do superego edípico e pré-edípico, mutuamente projetados.

Numa publicação anterior, Kernberg (1992, apud Kernberg, 1995) descreve em detalhes, a partir de sua experiência clínica, as relações amorosas masoquistas nas mulheres que são, inclusive, mais frequentes do que nos homens. O autor define como algo comum o se apaixonar por um homem inatingível, inacessível, em algum momento da adolescência; e que isso nada mais é do que uma manifestação normal da reativação de conflitos edípicos, mas a persistência, e especialmente a intensificação desse amor não correspondido é o que caracteriza esse tipo de escolha amorosa, de modo que uma fixação no trauma as leva a intermináveis repetições das mesmas experiências.

*Desde o início da terapia com o casal F., o marido desejava com sua presença nas sessões poder mostrar à terapeuta apenas os defeitos e*



Na clínica com casais, observamos a presença mais efetiva de vínculos patológicos ou formações mais primitivas, na escolha e manutenção dos pares. A complementaridade e a fusão, que transformam a vivência a dois numa unidade única e indiscriminada, numa sobreposição e submissão das individualidades (uma sobre a outra), são muitas vezes categorizadas, principalmente na idealização do amor romântico apregoado nos livros, filmes, novelas... como sendo a felicidade eterna buscada nas relações amorosas indissolúveis.

Ainda dando seguimento ao tema, Nicolò (1995) aborda o modelo psicanalítico de funcionamento do casal, enfatizando o processo de ilusão com possibilidade de diferenciação: o início de um relacionamento amoroso envolve uma fase de maior idealização e mecanismos fusionais. Para a autora, "a alternância entre movimentos de fusão e de diferenciação, no tempo e no espaço, conforme for preciso, e sobretudo seu caráter não necessário e não obrigatório expressam um funcionamento harmonioso do casal" (p. 81). O que nos leva a concluir que, nas dinâmicas conjugais normais, nas quais a interferência dos fatores inconscientes é menor, o mecanismo de fusão ocupa um lugar flexível, momentâneo, facilitando o caminho para a diferenciação dos elementos do par, para a manifestação da individualidade de cada um na constituição e permanência do casal, e com maiores possibilidades de transformação desta relação conjugal, pressupondo um processo de crescimento dos parceiros, diferentemente dos vínculos patológicos em que a manutenção da relação se dá pela estagnação, paralisação, o que dificulta o trabalho terapêutico com o casal.

Em nossa prática clínica, geralmente limitamo-nos a cuidar dos casamentos de tipo defensivo ou de outras patologias do vínculo conjugal. Entretanto, é essencial que se venha a co-nhecer o que é um casamento em desenvolvimento, para que se possa ajudar os casais que anseiam conquistá-lo, além de promover a construção e divulgação desses conhecimentos para

além da clínica. No estudo de Paiva (2003), a autora demonstrou a fragilidade e/ou patologia no vínculo de casais casados há mais de 20 anos, que se diziam felizes e que nunca buscaram atendimento clínico. A partir de entrevistas e aplicação de TAT, a pesquisadora concluiu que nos três casos analisados todos os casais estabeleciam relações assimétricas e o vínculo conjugal era mantido devido a mecanismos de identificação projetiva maciça, controle sobre o objeto, idealização e negação; notou-se ainda a perda de conjugalidade, especialmente depois do nascimento dos filhos.

Colman (1994)<sup>6</sup> defende a idéia de o casamento poder ser um espaço de desenvolvimento das individualidades. Esse autor, tendo como base os referenciais de Winnicott e Bion, entre outros, elabora a idéia de, no casamento, poder existir um processo de individualização entre os parceiros. Ele parte da noção de que o *self* não pode se desenvolver no isolamento e de que o eu é definido pela sua diferenciação com o outro, onde o outro dá a base para a identidade do indivíduo, desde que se possa diferenciar dois processos importantes presentes nas relações conjugais: a intimidade e a fusão.

No estabelecimento da intimidade de um casal, o autor propõe a existência de um "casamento interno", definido como uma capacidade interna de permitir que os opostos possam conviver dentro do *self*, e que intimidade seria a nossa capacidade de partilhar do nosso mais profundo ser com o outro, resguardando o lugar do diferente em cada um, pois para muitos casais intimidade é quando sentem a mesma coisa que o parceiro. O casamento real, de acordo com ele, tanto deve promover como requerer essa capacidade interna, e as dificuldades maritais poderão ser vistas como uma luta interna para existir esse "casamento interno".

6. Psicanalista inglês, membro do *staff* de profissionais da Tavistock Institute of Marital Studies, em Londres.

Para o bom funcionamento de um casamento, é preciso que haja uma contenção análoga àquela que a mãe provê ao seu bebê; além disso, deve existir uma confiança em que o conflito que surja não irá destruir a relação, devendo haver um continente para as questões do casal. A ausência desse continente seria semelhante a não ter com quem brigar ou brigar e não ter resposta (Colman, 1994). Ainda segundo Colman, o homem precisa de uma oposição para concretizar sua experiência e a presença de um outro diferente é necessária para que as questões do casal não se fundam numa massa disforme.

Cleavely (1994), confirmando o ponto de vista de Colman (1994), ressalta que o conflito entre um casal é algo saudável, mas seu potencial para o crescimento depende da capacidade desse casal de regular os conflitos relativos a seus mundos internos: o individual e o compartilhado. E que a tensão que nasce do conflito proporciona igual oportunidade para potenciais criativos e destrutivos.

De posse do conhecimento acerca das possíveis dinâmicas que envolvem os casais, do ponto de vista das escolhas de parceiros até o que as mantém, da constituição da família e do lugar que cada um ocupa nesse grupo, seja na linha da saúde e crescimento, seja da psicopatologia, o papel que cabe ao terapeuta é o que discutiremos no próximo capítulo.

... além de conter as angústias enquanto um continente que as decodifica e ajuda a modificá-las, o terapeuta deve promover um potencial terapêutico, já que para o indivíduo e para o casal é necessário que haja uma estrutura estável e flexível, que seja tanto capaz de responder a mudança como de iniciá-la... (Colman, 1994)

## *O papel e o lugar do terapeuta*

Nossa clínica de casais apresenta, de antemão, um terreno árido para o estabelecimento de qualquer trabalho terapêutico, já que a demanda nunca é direta, como discutido anteriormente. Não temos uma clínica dos conflitos da conjugalidade ou de problemas sexuais, mas sim de casais que se utilizam de uma forma intermediária ou defensiva para, justamente, se distanciarem da máxima pretendida: "O casal como paciente"! Esse fato, por si só, determinará o papel e o lugar que o terapeuta irá assumir. E a proposta interventiva com esses casais se dará na interface com a psicoterapia familiar, na medida em que nossa população atendida é composta por casais com filhos. Entretanto, nosso objetivo é discutir acerca das etapas que envolvem o atendimento psicoterapêutico aos casais e o papel do terapeuta.

Iniciaremos com a citação de alguns autores de referência na psicoterapia e psicanálise de casais.

Balint (1968) sintetiza, em seu texto "Comunicações inconscientes entre marido e mulher", quase duas décadas de uma experiência clínica pioneira com casais na Tavistock Clinic, no Departamento de Estudo de Famílias, quando ainda havia poucos estudos e pesquisas empreendidas por psicanalistas a respeito da dinâmica das interações conjugais. A autora, embora dimensione o casamento dentro da esfera familiar, atém-se a uma análise específica do conjugal, demonstrando uma visão